

TURISMO E CULTURA DE MASSAS

História e património pilares do futuro turístico do Algarve

Joaquim Manuel Vieira Rodrigues

Resumo

Durante muitas décadas o Algarve foi tão-só Sol e Mar, dos quais dependeu toda a sua economia: um turismo sazonal. Tudo o resto foi esquecido, muito danificado e destruído. Ora o Algarve tem uma História, uma Cultura, uma riqueza patrimonial e paisagística que devem ser lembradas e conhecidas. No presente, paulatinamente, assiste-se ao desabrochar de um turismo procurava clima aprazível e águas tépidas, mas também daquilo que podemos denominar de turismo histórico.

Na promoção de todo o seu rico património histórico-cultural caberá papel essencial aos museus, aos municípios e ao ensino a todos os níveis, a todos nós residentes e amantes da região, no sentido de o dar a conhecer.

Hoje temos à nossa disposição um conjunto de ferramentas desenvolvidas na época do digital que devem ser colocadas ao serviço do conhecimento e da promoção do património histórico-cultural do Algarve.

Conhecimento e economia podem coexistir um para o enriquecimento do «espírito», a outra para o progresso da região.

Tudo contribuindo para que as actuais e as futuras gerações conheçam a História deste rincão de terra que foi um primeiro trampolim para aproximar outros continentes, outras civilizações.

Palavras-chave: Algarve, Turismo, Praias, Património e Cultura

Abstract

For many decades the Algarve was only Sun and Sea, on which depended its entire economy: a seasonal tourism. Everything else was forgotten, badly damaged and destroyed. However the Algarve has a History, a Culture, a patrimonial wealth and landscape that must be remembered and known. In the present, gradually, one sees the blossoming of a tourism looking for pleasant climate and tepid waters, but also of what we can call historical tourism.

In promoting all of its rich cultural and historical heritage, museums, municipalities and education at all levels will play an essential role, to all of us residents and lovers of the region, in order to make it known.

Today we have at our disposal a set of developed tools, in the digital age that should be placed at the service of knowledge and promotion of the historical and cultural heritage of the Algarve.

Knowledge and economy can coexist one for the «spirit» enrichment, the other for the region progress.

All contributing to the current and future generations know the history of this corner of the earth that was a first propelling to approach other continents, other civilizations.

Keywords: Algarve, Tourism, Beaches, Heritage and Culture

1. Introdução

A globalização moderna, neoliberal, na sua ânsia do lucro e do pensamento único, tudo, ou quase tudo, tem desprezado, ignorado, nivelado. Como alvos prediletos têm sido alguns ramos do conhecimento, para não dizer todos, como a História, o Património, em particular, e a Cultura, em geral.

Quando as comunidades locais oferecem resistência, a sua autonomia é respeitada no sentido de que se preservem hábitos, costumes e valores, e a cultura concretiza-se pela multiplicação de diferentes produtos, serviços, espectáculos, etc., voltados para grupos específicos. Quando não são oferecidas resistências, esta concretização ocorre às custas da autonomia dos contextos culturais; são «impostos» padrões de consumo e, consequentemente, comportamentos e valores, gerando incertezas nas comunidades locais. Neste sentido, a autonomia dos indivíduos é sufocada, pois os mesmos se voltam essencialmente para o consumo e são conduzidos a uma passividade completa que os impede de tomar decisões livres e de serem autónomos. Entregues ao prazer e retraídos no conformismo, não interrogam sobre as instituições, sobre as leis e nem sobre o seu pensar; buscam satisfazer apenas as necessidades que são fabricadas pela comunicação social.

Com a guerra global transmitida pelos meios de comunicação, assistimos, impotentes, ao Património da Humanidade ser varrido da face da Terra, saqueado, depois vendidos a negociantes e colecionadores de arte, que teve como ícone, recentemente, a destruição do templo de Palmira¹, Património da Humanidade. Como muito bem assinalou Lídia Jorge, «o Património não se confunde com a Humanidade, mas é dela o seu retrato»².

É, pois, essencial que aqueles sejam divulgados o mais amplamente possível e pelos múltiplos meios existentes, tendo como propósito a sua preservação na memória. Deste modo, deve-se atribuir «Ao respeito pela conservação do legado um papel central na evolução harmónica das sociedades, e que promove como conceito o princípio de que o respeito pela diversidade da herança cultural é um motor de consideração pela diferença e pela coexistência consentidas, e logo um promotor de paz»³.

1 <https://actualidad.rt.com/actualidad/201062-estado-islamico-destruccion-palmira-video>, Site acedido em 02/03/2016.
2 Jorge, Lídia. *Património Cultural, Conhecimento e Cidadania*, Conferência Internacional por ocasião do 10.º Aniversário da Convenção de Faro, Teatro das Figuras, 27/10/2015-
3 Jorge, Lídia. *Património Cultural, Conhecimento e Cidadania*, ...

2. «O Jardim de Portugal»: O desenvolvimento do turismo no Algarve

Desde o século XIX que paulatinamente despontava a indústria do futuro. Pelo seu clima excepcional o Algarve evidenciava grandes potencialidades para o seu desenvolvimento.

Para a promoção do turismo em Portugal desempenhou papel destacado a Sociedade Propaganda de Portugal (Quadro n.º 1), criada em 4 de Julho de 1906. Em 1913, organizou uma visita de jornalistas ingleses a Portugal, os quais não deixariam de visitar o Algarve⁴.

Aquela sociedade teve entre os seus directores o algarvio Jaime de Pádua Franco (Portimão, 09/05/1868 - Portimão, 20/04/1938), que, no país e no estrangeiro contribuiu para dar a conhecer as potencialidades turísticas de Portugal e do Algarve.

Quadro n.º 1
Delegações da Sociedade Propaganda de Portugal no Algarve (1915)

Delegações	Presidentes
Faro	Constantino Cúmano
Lagoa	António Júdice de Magalhães Barros
Lagos	Lopo José Aguado Leote Tavares
Monchique	Bernardino Moreira da Silva
Portimão	António Teixeira Bicker
Silves	Pedro Paulo Mascarenhas Júdice

A realização em Lisboa de 12 a 16 de Maio de 1911, do IV Congresso Internacional do Turismo, foi um acontecimento para o desenvolvimento deste e que deixaria algumas recomendações para a sua melhoria.

Destaque para a realização do Congresso Regional Algarvio⁵, realizado na Praia da Rocha, em 1915, impulsionado por Tomás Cabreira, e cujo tema turismo foi um dos mais glosados.

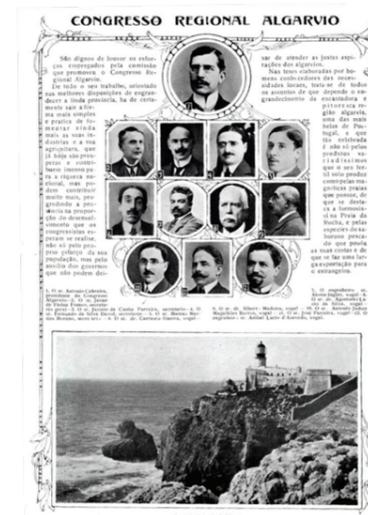


Ilustração Portuguesa, n.º 498, 06/09/1915, 313

Figura 1. Congresso Regional Algarvio

Também contribuíram para a propaganda das belezas do Algarve: a *Revista de Turismo*; jornais da região; jornais de âmbito nacional, como *A Capital*, e o seu jornalista, Adelino Mendes; a fotografia e o cinema. Em 1917, a produtora *Gaumont*, tinha produzido filmes sobre Portimão, Lagos e Faro e outros projectos estavam em perspectiva⁶. Para atrair o turista norte-americano que passava férias em outras estâncias europeias, nada melhor que o «*film, que na America é uma perfeita loucura!*»⁷.

Houve alguma utopia, mas muito do que viria a ser o turismo no Algarve estava já nas penas de muitos publicistas.

Tomás Cabreira (Tavira, 23/01/1865 - Tavira, 04/12/1918), deputado, ministro das Finanças durante a I República (1910-1926), caracterizava o clima do Algarve como de mediterrâneo pelo que se podia colocar a «*par, sob todos os pontos de vista, com a Côte d'Azur franceza, a Riviera italiana e a Andaluza, a Leste de Malaga*».⁸

O Algarve era magnífico para o turismo no Verão, mas igualmente aprazível no Inverno, tendo em conta as temperaturas amenas que nele se registava, Temperaturas invernais até superiores a muitas afamadas estâncias turísticas de então, como «*Cote d'Azur, Nice, Menton, Cannes e outras*».⁹ A

6 O Algarve, 492, 26/08/1917, 1.

7 "Aos industriais algarvios. Turismo - Cortiças - Conservas - Vinhos e Fructos. «O Seculo» entrevistou o engenheiro Sequeira Coutinho que acaba de chegar da America dos Estados Unidos", *Alma Algarvia*, n.º 177, 27/9/1914, pp. 2-3.

8 Cabreira, Thomaz, *O Algarve Económico*, Imprensa Libanio da Silva, Lisboa, 1918, p. 15.

9 Cabreira, T., *op. cit.*, p. 253.

4 *Ilustração Portuguesa*, n.º 368, 1913.

5 Acerca deste congresso consultar Mendes, Adelino, *O Algarve e Setúbal*, pp. 5-24.

própria Biarritz possuía um clima de Inverno inferior ao do Algarve, nomeadamente ao da Praia da Rocha.¹⁰

A doçura do clima desta província durante o Inverno era propício para um vasto conjunto de doenças consoante as zonas climáticas em que se podia distribuir o Algarve¹¹.

Mas para que o Algarve pudesse ombrear com aquelas estâncias seria necessário implementar um conjunto de medidas que Tomás Cabreira elenca:

«1.º boas e agradáveis comunicações dentro da província e com o resto do país e Espanha; 2.º organização de hotéis, que satisfaçam às regras modernas da indústria hoteleira; 3.º higiene rigorosa em toas as povoações e organização de parques ou jardins públicos em todas as sedes de concelho ou estações de turismo; 4.º organização de deportes e regulamentação dos jogos¹² nessas estações; 5.º dragagem de todos os cursos de água que estão assoreados, em frente das povoações, para lhes dar um aspecto mais agradável; 6.º arborização das ruas, das estradas de turismo e floração das janelas e casas; 7.º catalogação e declaração de monumento nacional de todas as ruínas ou edifícios que ofereçam interesse histórico ou científico».¹³

E ainda a instalação de equipamentos para a prática do ténis, do football e do golf.

Todo um programa que no Algarve de então não estava concretizado e que demoraria muitas décadas a concretizar.

Ainda segundo Tomás Cabreira existiriam estações de repouso, estações de sanatórios e estações de turismo cada uma com regulamentos específicos e equipamentos próprios. O Algarve ficaria assim com duas populações diferentes: «uma que vem procurar, no seu doce clima, um alívio aos seus males ou que vem repousar de fadigas excessivas, e outra que apenas se quer divertir, procurando distrações e prazeres de toda a espécie».¹⁴

O já mencionado Tomás Cabreira, considerava que as elevadas taxas de analfabetismo (82,12% entre homens e mulheres) da população algarvia era um travão ao desenvolvimento do turismo, visto que o turista não

gostaria de «viver entre populações ignorantes. Todos os paizes que possuem afamadas estações de turismo ou de cura, são extremamente cultos, como a Allemanha, a Suissa, a França, a Belgica e a Italia; a Espanha, a Russia e a Turquia, em que a instrução é menor, não teem grandes estações de turismo ou de sanatórios».¹⁵

Embora a província já possuísse alguns hotéis e pensões, de duvidosa qualidade, em prol do desenvolvimento do turismo, surgiria um novo equipamento, o Grande Hotel de Faro, precisamente inaugurado aquando da visita de Sidónio Pais à capital do Algarve, em Fevereiro de 1918.

3. As praias algarvias e o termalismo

A frequência das suas mais afamadas praias – Praia da Rocha, Quarteira, Albufeira, Monte Gordo¹⁶, Lagos, Armação de Pêra, Fuzeta e Cacela -, começara nos princípios do século XIX. Gentes da Andaluzia e nacionais do Algarve e do Alentejo¹⁷, ocorriam a gozar os prazeres do Sol, das águas cálidas e dos longos areais.

De todas, a Praia da Rocha era a que colhia mais favores e encomiásticas notícias, a praia das elites algarvias.



Quarteira 1916
Foto gentilmente cedida pelo Sr. Eng. Luís Guerreiro da Câmara Municipal de Loulé

Figura 2. Quarteira 1916

10 Cabreira, T., *op. cit.*, pp. 254-255.

11 Cabreira, T., *op. cit.*, pp. 262-263.

12 Nas praias imperava o jogo, frequentemente clandestino, quase sempre criticado pelos seus malefícios morais e, para muitos, económicos, constantemente solicitando-se a sua regulamentação. Apenas regulamentado em 1927 (Cf., por exemplo, "As praias e a regulamentação do jogo", *O Algarve*, n.º 519, 03/03/1918, p. 1).

13 Cabreira, T., *op. cit.*, p. 256.

14 Cabreira, T., *op. cit.*, p. 205.

15 Cabreira, T., *op. cit.*, p. 265.

16 Oliveira, Ataíde. *Monografia do Concelho de Vila Real de Santo António*, Faro, Algarve em Foco Editora, 1908, pp. 183-188 e Mendes, Adelino, *O Algarve e Setúbal*, pp: 61-63.

17 Muitos eram os proprietários alentejanos que debandavam a região de Monte Gordo. Um deles foi o grande lavrador-proprietário de Serpa, João Maria Parreira Cortez que «até à idade de 40 anos ..., todos os anos, saía para banhos com a minha família para Vila Real de Sto. António onde o rio entra no oceano» in *Senhores da Terra. Diário de um Agricultor Alentejano (1832-1889)*. Estudo e Selecção de A. C. Matos, M. C. Andrade Martins e M. L. Bettencourt, Prefácio de Jaime Reis, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, «Temas Portugueses», 1982, p: 316.



Lagos, Praia da Luz
Revista de Turismo, 25, 05/07/1917, 6

Figura 3. Praia da Luz - Lagos



Portimão, Praia da Rocha
Revista de Turismo, 25, 05/07/1917, 6

Figura 4. Praia da Rocha

À semelhança da Praia da Rocha (1910 e 1932) e de Monte Gordo (1934), também Quarteira teve o seu Casino, inaugurado em Setembro de 1931, cujo edifício ainda existe, mas em estado de acentuada degradação. Du-

rante décadas ali se desenrolaram fervilhantes e abrilhantadas festividades sempre amplamente concorridas pelas melhores famílias.

Na serra de Monchique, mais precisamente, nas Caldas de Monchique¹⁸ desde há séculos¹⁹, mas com grande desenvolvimento desde o século XVII, que funcionavam umas riquíssimas termas, as quais eram bastante frequentadas por ricos, mas também facilitando o acesso e o tratamento a outros estratos sociais de menos posses²⁰. A concorrência termal constituía um frutuoso rendimento de impacto económico não desprezível²¹. Os “aquistas”, na sugestiva designação atribuída por Poinard, consumiam os produtos locais e empregavam os aldeões como guias, assim como os seus animais (asinino), como meio de transporte para passeios na montanha²².



Caldas de Monchique – Edifício balnear e Casino
Revista de Turismo, 29, 05/09/1917, 40

Figura 5. Monchique

Havia, porém, um obstáculo ao seu desenvolvimento: as vias de comunicação. As principais estradas algarvias eram ainda as herdadas da Monarquia. Raras eram as vias macadamizadas existentes na província. Os

¹⁸ Gascon, José António Guerreiro. *Subsídios Para a Monografia de Monchique*, Edição da viúva do autor Maria C. R. Guerreiro Gascon, Portimão, 1955.

¹⁹ D. João II, às portas da morte, passaria pelas Caldas de Monchique para cura dos seus fatais males. Morreria na pequena vila de Alvor.

²⁰ Cabreira, T., *op. cit.*, pp. 253-265.

²¹ Poinard, L. *Portugal Ignorado. Estudo Social, Económico e Político. Seguido de um Apêndice Relativo aos Últimos Acontecimentos*, Porto, Magalhães & Moniz, 1912, p: 164.

²² Poinard, L. *Portugal Ignorado. Estudo Social, Económico e Político...*, p. 165.

relatórios do governador civil publica dos nos anos setenta do século XIX, muitos debates na Câmara dos Deputados e dos Pares²³, a cargo de deputados algarvios e os periódicos da região então publicados fornecem-nos uma imagem de uma região com uma deplorável rede viária, isolando as populações e, conseqüentemente, dificultando a circulação daquelas e dos produtos. A construção de boas estradas daria uma contribuição importante para a prosperidade da província²⁴.

Durante a Grande Guerra, a construção de estradas na região parou completamente (Quadro n.º 2). Muitas encontravam-se em péssimo estado de conservação.

Quadro n.º 2					
Estradas Construídas no Distrito de Faro (1915-1919)					
Unidade: quilómetros					
Estradas	1915	1916	1917	1918	1919
Nacionais	303,274	307,357	307,357	307,357	307,357
Totais	885,995	905,769	910,155	910,215	910,215

Fonte: *Anuário Estatístico de Portugal*, ano de 1919, p. 101, cit. in Girão, Paulo, *A Pneumónica no Algarve* (1918), p. 133.

Em finais de 1911, mas cujo exemplo nos servirá para anos subsequentes, Carlos Calixto, chamava a atenção para a quase ausência de estradas no Algarve:

«Um automobilista que vá de Madrid a Granada, Málaga, Cadiz, Sevilha, e queira, depois de visitar essa região, tam cheia de beleza e de recordações históricas, entrar em Portugal para apreciar as encantadoras paisagens do nosso Algarve ou a riqueza do nosso Alentejo, não tem uma única estrada de que se possa servir. Porque, Sr. Presidente, essas duas províncias estão inteiramente isoladas do resto do país

Sim, Sr. Presidente, por mais estranho que isto pareça a alguns dos meus colegas nesta Câmara, é certo que o Alentejo não está ligado com a Estremadura e que o Algarve está separado do Alentejo!»²⁵.

23 Sobre a lastimável situação da rede viária do Algarve cf. o relatório apresentado pelo Par do Reino algarvio, José d'Azevedo, in "Viação no Algarve", *O Algarve*, n.º 79, 26/09/1909, p. 1.

24 Sobre o estado das vias de comunicação da província em 1873 e 1877 consultar *Relatório Apresentado À Junta Geral do Districto de Faro na Sessão Ordinaria de 1873 pelo Conselheiro Governador Civil José de Beires*. Doc. N.º 45, 1873, pp. 1-10 e *Relatório Apresentado À Junta Geral do Districto de Faro na Sessão Ordinaria de 1877 Com Documentos e Mappas Illustrativos pelo Conselheiro Governador Civil José de Beires*. Typographia do Districto de Faro, Faro, Doc. N.º 15, 1877, pp. 79-84.

25 *Diário da Câmara dos Deputados*, Sessão de 21/12/1911.

As comunicações seriam incrementadas com o surgimento de companhias de transporte rodoviário (Citemos *A Louletana* (1928-1933); a *Empresa Transportadora Algarvia, Lda.* com a *A Louletana* deu origem a *Auto-Algarve, Lda.* Esta e a *Garage Tavirense, Lda.* constituirão em Maio de 1933, a *Empresa de Viação Algarve* (EVA), que desempenharia papel fulcral no transporte algarvio).

Contudo, a principal via de comunicação da região era o caminho-de-ferro que terminava a Sotavento em Vila Real de Santo António e no Barlavento em Portimão²⁶. Apenas em 1922 chegaria a Lagos²⁷.

4. Património arquitectónico e paisagístico

Povos conquistadores e expansionistas, como os Romanos e Árabes/Muçulmanos/Berberes, desembarcaram no Algarve e nele deixariam importantes vestígios arqueológicos por toda a província. Muitos deles são hoje visitados por milhares de turistas nacionais e estrangeiros.

Da cultura dos seguidores de Maomé, com excepção dos vestígios materiais, depositados em museus (Faro, Lagos, entre outros), escassos são os vestígios visíveis, pois muitos deles foram destruídos, substituídos por monumentos de talha cristã/católica.

Mais evidentes são os edifícios edificadas pelos romanos, como o Cerro da Vila (Vilamoura), Milreu, Abicada, Monte Molião, Praia da Luz, Boca do Rio.

A cidade de Balsa, da qual poucos vestígios são visíveis, visto que o local está actualmente ocupado por uma propriedade privada. Esforços estão a efectuados para que se possa brevemente realizar ou continuar as prospecções arqueológicas para que se fique a conhecer melhor esta importante cidade da Lusitânia/Bética romana.

Ainda hoje podemos admirar e percorrer, testemunhos das famosas e perenes calçadas romanas, assim como apreciar as cetáceas onde se fabricava o *garum*, uma espécie de conserva tão apreciada pelas elites romanas. Por diversos museus no Algarve e fora dele, encontraremos milhares de

26 "Caminho de ferro de Portimão a Lagos. Representação enviada a Sua Ex.ª o ministro do fomento em 1 de Dezembro de 1911", *O Algarve*, n.º 194, 10/12/1911, p. 1.

27 Ver O Projecto de Lei fora apresentado pelo deputado Brito Camacho, na sessão de 4 de Julho de 1912. Entre os motivos para a sua construção foram adiantados, o isolamento da cidade que, embora possuindo uma baía de inegável valor estratégico, poucas e más comunicações usufruía com Lisboa e o resto do país; a riqueza piscícola, agrícola e industrial e, finalmente, e premonitoriamente, Lagos seria «incontestavelmente, em breves anos, a grande estação do turismo e balnear do sul do país». No debate acalorado sobre este projecto de Lei interveio Afonso Costa que colocou muitas reservas à sua construção em termos financeiros (*Diário da Câmara dos Deputados*, Sessão de 4/7/1912); Lei n.º 460, de 24/9/1915 autorizava o Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado a contrair um empréstimo de 500 contos à Caixa Geral de Depósitos e Instituições de Previdência, para destratar o empréstimo realizado pela Câmara Municipal de Lagos em 21 de Agosto de 1912; consultar ainda Lei de 21 de Julho de 1912 e *Ilustração Portuguesa*, n.º 589, 4/6/1917, pp. 453-454.

peças, de diferentes espécies e funções da presença desta civilização no Algarve. E deixou-nos o pilar que permite a nossa expressão: a língua.

Um dia chegou e radicou-se para sempre a Cristandade e com ela importante património, plasmado em imponentes e profusamente ornamentado mobiliário religioso de diferentes tipos. Não podemos deixar de referir algum deste património edificado nas principais localidades do Algarve, como Faro, Lagos, Portimão, plasmado no primoroso trabalho de talha dourada e da azulejaria, fruto do Barroco.

Em Estoi, podemos visitar e percorre o seu Palácio, construído a expensas do conde de Estoi, em estilo romântico, sendo de admirar o seu belo e aprazível jardim.

A História do Algarve está essencialmente debruçada para o MAR.

Mar que moldaria durante milhares de anos a costa algarvia e as suas arribas de uma beleza fascinante, como se pode apreciar no barlavento. Sublinhemos a zona de Sagres e o seu belo horrível promontório, onde se ergue o imponente farol do Cabo de S. Vicente, ou Farol de D. Fernando, que entrou em funcionamento em Outubro de 1846, embora haja indícios de um farol rudimentar desde os princípios do século XVI.

O Promontório de Sagres, recebeu a 02 de Dezembro de 2015 a Marca do Património Europeu (MPE), uma distinção com que a União Europeia pretende dar visibilidade a sítios que celebrem e simbolizem a integração, os ideais e a sua história. O Promontório de Sagres foi escolhido pela sua importância na epopeia dos Descobrimentos, «*que marcaram a expansão, lançando a civilização europeia no seu caminho para o projeto global que veio a definir o mundo moderno*», segundo Bruxelas.

Sagres poetizado por Mário Beirão, Florbela Espanca, Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner Andersen, entre muitos outros poetas e escritores, que escreveram sobre o Algarve²⁸. No prolongamento do Promontórios Sacro maravilhamo-nos com a alcantilada e agreste Costa Alentejana e Vicentina²⁹.

²⁸ *Algarve Todo o Mar*. Colectânea, Organização e Nota Prévia de Adosinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, Publicações Dom Quixote, 2005.

²⁹ A Costa Vicentina conquistou a certificação europeia "Leading Quality Trails – Best of Europe", atribuída pela European Ramblers Association in "Rota Vicentina ganha primeira certificação europeia atribuída na Europa Ocidental", *Sul Informação*, 14/03/2016 <http://www.sulinformacao.pt/2016/03/rotavicentina-ganha-primeira-certificacao-europeia-atribuida-na-europa-ocidental/>, Site acedido em 14/03/2016.



Farol do Cabo de S. Vicente
Algarve O Segredo Mais Famoso da Europa.
Associação Turismo de Portugal/ Região de Turismo do Algarve,

Figura 6. Farol do Cabo de S. Vicente

No Sotavento, menos altaneira e mais chã, percorramos a magnífica Ria Formosa desde o Cabo de Santa Maria até à zona de Cacela Velha.



Revelim de Santo António, Castro Marim
Algarve. Guia do Património Cultural. Edição
Região de Turismo do Algarve, 2.^a edição, 2015, p. 149.

Figura 7. Revelim de Santo António, Castro Marim

Ainda do ponto de vista paisagístico, não podemos deixar de acentuar o grande maciço da Serra de Monchique, erguendo-se a mais de 700 metros de altura, do seu cume observando-se uma paisagem maravilhosa e luxuriante, perdendo-se a vista a muitas dezenas de quilómetros.

Também o Cerro de S. Miguel, a Sotavento, é um lugar espantoso pela paisagem que dele se vislumbra e ao qual se sobe por uma íngreme, estreita e vetusta estrada. Mas a vista gratifica o incómodo e o esforço.

Acontecimento histórico-geológico foi o grande megassismo de 1 de Novembro de 1755 que, não apenas arrasou Lisboa, mas todo o Algarve, provocando enormes prejuízos humanos e materiais. E, será neste contexto, mas por motivos económicos, que o Marquês de Pombal, mandará erguer a bela Vila Real de Santo António.

5. Da República ao SPN/SNI

Durante as décadas de 20 e de 30 do século XX registou-se uma contínua promoção do turismo, designadamente o do Algarve, da qual podemos elencar alguns aspectos:

- a) Legislação em prol do turismo – criação de Comissões de Iniciativa (23/04/1921); classificação das estâncias (14/03/1923); regulamentação dos jogos de fortuna ou azar (03/12/1927); Comissões de Turismo em cada concelho do Algarve; Juntas de Turismo e Comissões Municipais (1937).
- b) Novos equipamentos – pavilhões; Grande Hotel Guadiana em V.R. S. A.;
- c) Melhorias das comunicações – projectos, reparações e construções de estradas; inauguração da luz eléctrica em Monchique;
- d) Novas ofertas turísticas – Volta a Portugal em Bicicleta; provas de automóvel; Casino (Manta Rota e Cacela);
- e) Propaganda – conferências; imprensa regional: *O Nosso Algarve*, 18/09/1925-Jan. 1927), *Revista do Algarve*, 1925; *O Barlavento*, 01/04/1923-03/01/1926; *Jornal de Lagos*, 02/04/1931-30/04/1968; álbuns de fotografias.

Contudo, o Algarve continuaria a não ser visitado verdadeiramente por turistas, nem nacionais, nem, muito menos, estrangeiros, era um «turismo caseiro», ou seja, assente na população residente.

Os anos trinta e quarenta serão marcados pela promoção do turismo no âmbito da política nacionalista do Estado Novo (SPN), à frente do qual esteve essa figura tutelar que foi António Ferro. Propaganda que contemplaria o Algarve.

Segundo o Relatório da Câmara Corporativa de autoria de Luís Supico Pinto de 1952, acerca do Estatuto do Turismo, o número de turistas que visitaram Portugal entre 1936 e 1956, teria passado de pouco mais de 50.000 para 76.000.

As classes médias não gozavam ainda de grande capacidade económica para comprar automóvel, deslocarem-se até ao Algarve e alugarem uma residência de verão.

O eclodir da II Guerra Mundial não fez esmorecer os apaixonados do mar, visto que a mocidade encontrava-se “alheia às complicações de Dantzig.”³⁰ Mas não deixaria de fervilhar os espíritos que seguiam atentamente o desenrolar das suas peripécias:

«O assunto de todas as conversas é a guerra que vai lançar a velha Europa numa grande fornalha. Às horas a que a Emissora transmite notícias, à volta do Pavilhão-Praia aglomera-se centenas de pessoas de todas as classes para ouvirem os ecos da luta em terra e mar e o que mais choca é verem-se mulheres de trajes humildes, comovidas pela apreciações que a propósito se fazem, deixando deslizar furtivamente lágrimas evocadoras talvez de lutas passadas e temerosas de tragédias futuras»³¹.

No Algarve, logo no deflagrar das hostilidades, procedeu-se a um levantamento detalhado acerca do número de estrangeiros residentes na província, assim como foram, em Abril 1942, «proibidas a utilização de máquinas fotográficas em locais considerados estratégicos ou a feitura de pinturas ou desenhos desses locais». Situação, porém, que afectava já o turismo da região, como reconhecia uma carta datada de 15 de Maio de 1943, ao director da PVDE, ao informar que «acontece que vários organismos de turismo têm necessidade de fotografar alguns dos pontos indicados ... como zonas proibidas de se tirarem clichés, para efeitos da propaganda turística»³².

30 *Correio do Sul*, 03/09/1939.

31 *Correio do Sul*, 10/09/1939.

32 Citado in "Propaganda e espionagem no Algarve", *AlgarveRegião*, 9 a 15 de Junho de 1994, p. 13.



Revista Internacional, n.º 7, 1939-

Figura 8. Praia do Carvoeiro

No contexto da política do Estado Novo para o turismo, seria inaugurado em Abril de 1944, por António Ferro, a Pousada de S. Brás de Alportel.

À semelhança da «capital do Império», também na capital do Algarve, se realizaria uma exposição em honra daquelas comemorações – 1140. 1640 e 1940. Na exposição estiveram representados todos os municípios algarvios, cada um, apresentando as suas riquezas e belezas. Foram milhares os que ocorreram a visitá-la. No contexto deste evento seria publicado o *Guia Turístico do Algarve*, de 1940, uma Edição da Revista Internacional.

Também uma palavra para o consagrado Carnaval de Loulé, nascido no já longínquo ano de 1906 – e porque não ao de Olhão (1940) - e que ininterruptamente tem deliciado os foliões que, de muitos lugares, ocorrem a admirar os seus carros alegóricos que, infelizmente, se tornaram muito abrazeirados.

6. O boom turístico dos anos 60'

Será, porém, nos anos sessenta do século XX que arrancará o turismo de massas no Algarve com o aumento do número de turistas nacionais e estrangeiros, da construção civil, induzindo o advento de indústrias complementares. Turismo que conduziu a uma forte amplitude de migrações inter

e intra-regionais, periódicas e pendulares. Os sectores da hotelaria e da restauração evidenciaram crescimentos significativos.

É a partir daqueles anos que surgirão as principais estruturas e equipamentos, designadamente hotéis, enquanto as vias de comunicação (estradas e caminhos-de-ferro), apesar de alguns melhoramentos, apenas recentemente conhecerão uma profunda modernização (A22 – Via do Infante; A2 auto-estrada Lisboa-Algarve-Lisboa e o comboio – Alfa Pendular. Contudo, as vias da região, muitas delas em estado lastimoso, devem ser melhoradas e equipadas para segurança dos seus utentes.

A inauguração do aeroporto de Faro, em 11 de Julho de 1965, foi uma estrutura decisiva para o desenvolvimento turístico da região.

Este boom turístico teve/tem os seus detractores e os seus defensores. Pensamos que a ambos assistem um conjunto de reflexões que devem ser ponderadas.

Conclusão

Aqueles que escreveram antes e durante o período marcado pela IGM tiveram a premonição das potencialidades turísticas do Algarve. Porém, esta província carecia de oferta de estruturas e de equipamentos, os seus alojamentos eram de fraca qualidade e pouco higiénicos, as vias e os meios de comunicação primavam pelas poucas condições.

Durante os anos vinte e trinta do séc. XX, aumentaria a promoção do turismo, designadamente pelo papel desempenhado pela propaganda promovida pelo Estado Novo (SPN/SNI).

Seria, contudo, na década de sessenta, daquele século, que dar-se-á, o *boom* turístico da região.

Durante muitas décadas, como frisámos, a oferta turística da província, assentou no clima ameno e agradável e nas suas magníficas praias, com reflexos na vasta e tantas vezes pernicioso construção imobiliária.

Esta situação certamente não se alterará nos próximos tempos, mas o Algarve deverá alterar este padrão, diversificando a sua oferta para outros campos, alguns dos quais já implementados.

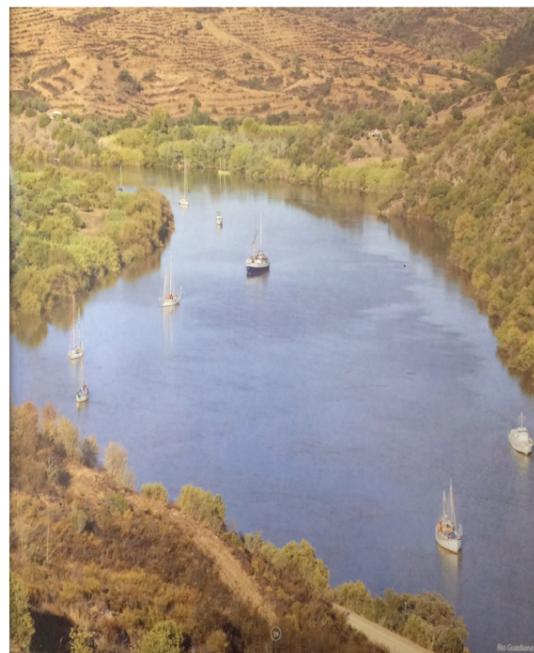
Esta é a nossa modesta contribuição. Defendemos o incentivo de exposições multimédias e interactivas, assim como reconstruções virtuais 3D,

relacionadas com a sua rica História e Património, e criação de mais núcleos museológicos. Promover rotas históricas, ou de outros géneros, à semelhança da *Rota dos Omíadas* que inter-relaciona muitos concelhos algarvios.

Merece também implementar um turismo de Memória (visita a locais de interesse histórico, exposições fotográficas, acerca de vultos eminentes da região, por exemplo), assim como apostar na criação de pólos de arqueologia industrial (conservas, cortiça, sapateiros).

O património subaquático pode e deve ser ampliado, tendo presente que as águas que banham a costa do Algarve foram protagonistas de acontecimentos marítimos de vulto.

Regressando à terra, é do maior interesse dar a conhecer o património geológico e paleontológico, quer o natural, quer o urbano.



Rio Guadiana
Algarve O Segredo Mais Famoso da Europa.
Associação Turismo de Portugal/ Região de Turismo
do Algarve, S/d, p. 39.

Figura 9. Rio Guadiana

Para se usufruir plenamente de muitas destas actividades, o Algarve deve equipar-se com modernas vias pedonais e de ciclovias, à semelhança de muitos países europeus.

Problemática vital, que sempre é tratada nos documentos das principais instituições regionais, embora com pouca ou nenhuma concretização, é a diversificação da economia da região, apostando em sectores que já foram pilares da sua economia, como a agricultura, a pesca e a indústria, adaptadas aos nossos dias.

Também nevrálgico, na perspectiva social, será a defesa dos direitos laborais dos vastos e diversificados trabalhadores/as do turismo.

E não menos importante, é o envolvimento, nas apenas das autarquias, as quais já estão bem presentes, e nem sempre por bons motivos, mas também dos vários graus de ensino e das populações.

O Algarve foi um dos lugares de projecção de Portugal no orbi. O seu turismo deve contribuir para um espírito de harmonia e de paz que enlace a miscelândia de povos que o visitam.

Bibliografia

Algarve (O), 1908-1932

Correio do Sul, 1938

Diário do Algarve, 1932

Gazeta dos Caminhos de Ferro. (1902-1964), Costa, Leonilde de Mendonça e, dir. publ.

Ilustração Portuguesa (1903-1923)

Louletano (O), 1933-1942

Revista de Turismo. Revista da Empresa de Turismo, Agostinho Lourenço, 1916-1924.

Cabreira, Tomás. *O Algarve Económico*. Lisboa, Imprensa Libanio da Silva, 1918.

Câmara Municipal de Faro, *Catálogo da Exposição: a Câmara Municipal de Faro Protege o Património*. Coord. Conceição Pinto. Faro, Câmara Municipal de Faro, 1997.

Cavaco, Carminda. *Turismo e Demografia no Algarve*. Editorial Progresso Social e Democracia, SARL, Lisboa, 1980.

Cavaco, Carminda. *Geografia e Turismo no Algarve. Aspectos Contemporâneos*. Separata de *Finisterra Revista Portuguesa de Geografia*, Vol. IV-8, Lisboa, 1969

Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-Agrícolas e Novos Lugares de Turismo de Lazer. Homenagem à Professora Doutora Carminda Cavaco, Coordenação Maria Lucinda Fonseca. Edição Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2006.

Diário da Câmara dos Deputados (1911).

Gascon, José António Guerreiro. *Subsídios Para a Monografia de Monchique.* Edição da viúva do autor Maria C. R. Guerreiro Gascon, Portimão, 1955.

Gomes, E. *Poetas e Prosadores Algarvios.* Faro, Temas e Estudos Algarvios, Algarve em Foco, 1999.

Gonçalves, I.. *Escritores Portugueses do Algarve (nascidos entre 1924 e 1968)*, Lisboa, Edições Colibri, 2006.

Itinerários Arqueológicos do Alentejo e Algarve. Programa de Valorização Cultural e Divulgação Turística [s.d.]. Lisboa, Ministério do Comércio e Turismo. Secretaria de Estado do Turismo, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

Jorge, Lídia. *Património Cultural, Conhecimento e Cidadania*, Conferência Internacional por ocasião do 10.º aniversário da Convenção de Faro, Teatro das Figuras, 2015.

Lameira, Francisco. *A Talha no Algarve Durante o Antigo Regime. Dissertação de Doutoramento e História de Arte Moderna*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2000.

Marado, Catarina Almeida. *Antigos Conventos do Algarve. Um Percurso pelo Património da Região*, Lisboa, Edições Colibri, 2006.

Morán, Elena. *Alcalar. Monumentos Megalíticos.* Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa, 2008.

Relatório Apresentado Á Junta Geral do Districto de Faro na Sessão Ordinaria de 1873 pelo Conselheiro Governador Civil José de Beires, Typographia do Districto de Faro, Faro, 1873.

Relatório Apresentado Á Junta Geral do Districto de Faro na Sessão Ordinaria de 1877 Com Documentos e Mappas Illustrativos pelo Conselheiro Governador Civil José de Beires. Typographia do Districto de Faro, Faro, 1877.

Rodrigues, Joaquim. *Da mítica Carteira ao cosmopolitismo dos anos 60. Quarteira um Olhar Sobre o Passado*, Câmara Municipal de Loulé, 2001.

SANTOS, Figueiredo. *Turismo Mosaico de Sonhos. Incursões Sociológicas pela Cultura Turística*, Edições Colibri, Lisboa, 2002.

Turismo. Estratégia de Desenvolvimento e Quadro de Apoio Financeiro, Ministério do Comércio e Turismo, Julho 1993.

Oeiras com história, [<http://www.oeirascomhistoria.pt/promontorio-de-sagres-distinguido-com-marca-do-patrimonio-europeu/>], Site acedido em 20 de Março de 2016.

RT, [<https://actualidad.rt.com/actualidad/201062-estado-islamico-destruccion-palmira-video>], Site acedido em 2 de Março de 2016.

Nota Biográfica

Joaquim Manuel Vieira Rodrigues é licenciado em História pela Faculdade de Letras de Lisboa e professor aposentado do ES.

Mestre e doutor em História Contemporânea pela UNL.

Investigador associado do IHC.

Entre muitos outros trabalhos:

- *A Indústria de Conservas no Algarve (1865-1945)*, Tese de Mestrado em História do Século XX, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1997. (23/10/1997).

- *O Algarve e a Grande Guerra. A Questão das Subsistências (1914-1918)*, Tese de Doutoramento em História Económica e Social Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2010. (31/05/2010).